

## Apresentação

A paródia, efeito cômico destruidor da realidade, é um dos usos da história, lembra Foucault na sua releitura de Nietzsche<sup>1</sup>. Esse efeito iconoclástico desenrola-se num “grande carnaval do tempo”<sup>2</sup> onde se questionam conceitos éticos fundamentais. O humor está no centro do confronto entre o moral e o imoral – e este último, como ensina Paul Seaver, não se limita a provocar o prazer de ofender com aquilo que é proibido: essa é apenas uma parte do seu propósito de fazer rir com o objetivo de promover a mudança na sociedade<sup>3</sup>.

O humor é hoje em dia reconhecido internacionalmente como um tema da maior importância nas relações entre culturas, na discussão dos estereótipos e do outro, nas relações entre memória e riso, entre riso e subversão. O debate sobre o humor e os seus limites não abandonou a primeira linha da atualidade desde o atentado terrorista à redação de *Charlie Hebdo*, em Paris, em janeiro de 2015, em que foram assassinadas a tiro pessoas cuja profissão era fazer rir. Não por acaso, a análise das charges daquele semanário satírico francês é, justamente, objeto de um dos ensaios incluídos neste livro, resultado do trabalho de três dezenas de especialistas pertencentes a instituições universitárias dedicadas à pesquisa científica em sete países da Europa e das Américas.

Escrito por autores oriundos de diferentes áreas das Humanidades e das Ciências Sociais, como a Linguística, a Literatura, a História, a Sociologia, o Direito, a Pedagogia ou as Artes de Palco, este volume oferece, ao longo dos seus 30 ensaios uma abordagem multidisciplinar da força dissolvente do riso e das distintas manifestações do humor na vida cotidiana, na justiça, na escola, na literatura, no teatro, no cinema, na mídia ou na internet – isto é, no espaço público, com destaque para a sua dimensão política.

O livro abre com o ensaio introdutório de Elias Thomé Saliba “Humoristas involuntários e testemunhos do riso: humor brasileiro em perspectiva de longa

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel (1971). “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”. In BACHELARD, Suzanne *et al.* *Hommage à Jean Hyppolite*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 145-172.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 169-170.

<sup>3</sup> SEAVER, Paul (2010). “Jugando con lo ‘inmoral’: pretexto para la risa en la obra de Juan del Valle y Caviedes”. XII Annual Conference of the International Society for Luso-Hispanic Humor Studies. Minneapolis, Minnesota.

duração”, que traça uma inspiradora história cultural do humor ao mesmo tempo que convida o leitor a percorrer o caminho desde a constituição do *pacto humorístico* até à atualidade centrando-se no Brasil, país cujo hino nacional, nota, é porventura o único do mundo que menciona o riso por duas vezes.

A primeira parte do volume discute o humor no espaço público: moralidades, Justiça e contradições no riso. José Alexandre Ricciardi Sbizera centra o seu trabalho no jurista que debate o direito ao riso a partir do *Dom Quixote*, refletindo sobre as (des)razões e aventuras entre Direito e Literatura, problematizando a atuação do jurista com o riso no contexto político-jurídico contemporâneo. Na mesma linha, João Paulo Capelotti faz uma comparação entre Brasil e Estados Unidos, mostrando como o humor é visto pelos tribunais naqueles dois países, sublinhando o contraste entre a justiça norte-americana, que considera a sátira e a caricatura como ferramentas do “livre mercado de ideias”, e a brasileira, tendente a aceitar manifestações humorísticas apenas quando não sejam ofensivas. Laura Areias questiona a moralidade, os desvios e as contradições (aparentes) no Século de Ouro português, percorrendo a obra de Camões, Sá de Miranda, Gil Vicente ou Fernão Mendes Pinto. Por seu lado, Maryllu de Oliveira Caixeta analisa o gesto de Guimarães Rosa em seu último livro, *Tutaméia*, ao passar a palavra ao coro para assumir uma função crítica nos contos que o compõem. Já Odailton Aragão Aguiar aborda o riso, a mídia e a política através da obra de um ícone do jornalismo satírico e crítico no Brasil: o humorista Aparício Torelly, mais conhecido como Barão de Itararé.

Gesto & Língua, Linguagem & Práticas é o tema genérico da segunda parte, introduzida pelo ensaio de Joanna Wilk-Racięska “La definición de la comunidad de la risa reformulada”. A autora parte do conceito original de *comunidade de riso*, oriundo da sociologia, e enriquece-o de modo a incluir na sua análise o ponto de vista linguístico. Com este desenvolvimento, a comunidade de riso distingue-se das comunidades socio-linguísticas e apresenta como fator de seleção dos seus membros aquilo que os faz rir. Por outro lado, Francisco Ocampo e Alicia M. Ocampo analisam a construção paródica de tangos tradicionais na cultura rio-platense, em que a paródia consiste num metatexto percebido como um comentário, geralmente crítico, sobre o texto primário do tango. Noutra perspectiva, Karin Elizabeth Kruger Vieira, Vagner Sérgio Custódio e Denise Maria Margonari demonstram a utilidade do humor como facilitador do processo de aprendizagem da criança com deficiência intelectual. Ainda

no âmbito da importância pedagógica da abordagem humorística, Sergio Andrés Lulkin e Eunice Kindel estudam o humor no ensino de Ciências e Biologia.

A terceira parte é dedicada ao riso impresso, discutindo as relações entre humor e política em jornais, charges, quadrinhos e novas mídias. João Pedro Rosa Ferreira mostra como é tratado o outro no periódico jocoso português *Almocreve de Petas*, na passagem do século XVIII para o XIX. Ainda no universo da imprensa, mas agora ilustrada, Bruna Oliveira Santiago apresenta “*Encyclopedia do riso e da galhofa: uma fonte para o estudo da caricatura na imprensa ilustrada da segunda metade do século XIX*”. Mais próxima no tempo, a revista humorística *El Dedo*, publicada no Uruguai entre julho de 1982 e fevereiro de 1983, é analisada por Dorothée Chouitem, que sublinha o papel do seu humor político contestatário à ditadura, no ensaio “Un *Dedo* de humor como arma y bálsamo”. A nova mídia faz a sua aparição neste volume através do trabalho de Ana Cristina Carmelino, “Palavrão... Mas com humor: o caso de esquetes do Porta dos Fundos”, em que analisa o uso da linguagem obscena como um dos expedientes característicos daquela produção, criada em 2012 no YouTube e que entretanto se tornou o maior fenômeno da internet brasileira e um sucesso internacional. De volta à imprensa, Renato Fonseca Ferreira aborda as relações das charges publicadas no semanário satírico francês *Charlie Hebdo* com o não-dito no ensaio “*Charlie Hebdo e o humor na contemporaneidade*”. Ainda no terreno da charge, Neila Barbosa de Oliveira Bornemann centra a sua análise na abordagem crítica do tema do analfabetismo a propósito da eleição do humorista Tiririca para Deputado Federal no Brasil, em “Tiririca: o palhaço no humor de chargistas”. Por seu lado, Cintia Lima Crescêncio introduz o tema dos feminismos, defendendo que o riso foi explorado como estratégia de criação de uma cultura feminista no estudo “Os Sujeitos do Humor e dos Feminismos: O riso compartilhado na imprensa feminista do Cone Sul (1970-1980)”. Uma reflexão sobre os tipos de feminilidades representados nos desenhos de melindrosas feitos por J. Carlos, personagens que marcaram a década de 1920 e parte dos anos de 1930, veiculadas especialmente na revista ilustrada brasileira *Para Todos*, é a proposta de Thaís Mannala e Marilda Lopes Pinheiro Queluz no ensaio com o título “Dirigir e transgredir”. Já Marcelo Fronza alia riso e pedagogia ao investigar o humor nas histórias em quadrinhos de Henfil e as possibilidades das imagens cômicas para a aprendizagem histórica de jovens estudantes de ensino médio.

A literatura e o teatro ocupam a quarta parte do volume. Gustavo Henrique Ferreira Rodrigues lança o debate com “Humor e Dramaturgia: uma discussão do riso e do risível”. Analisando a peça *Computa, computador, computa*, de Millôr Fernandes, identifica uma estrutura dramática em que o humor é tomado como ponto de partida para (fazer) pensar sobre questões da sociedade, ao mesmo tempo que assume uma forma de resistência à ditadura que vigorou no Brasil de 1964 a 1985. A atividade teatral está na base do ensaio de Thaís Carvalho Hércules sobre a improvisação no espetáculo paulistano *Jogando no Quintal* e a experiência do “Milmaravilhoso”, debatendo a importância da figura tradicional do palhaço como gerador de novas experiências. Em “A comicidade no espetáculo *Pelo Cano*”, Danielle Burghi analisa os expedientes cômicos, os instrumentos linguísticos da comicidade e a significação e ressignificação de objetos em diversas situações artísticas interpretadas pelas palhaças Emily (Vera Abbud) e Manela (Paola Musatti). Por sua vez, María Celeste Aichino reflete sobre “El humor en la propuesta ética del escritor argentino Alberto Laiseca”, partindo do pressuposto de que o humor tem um papel fundamental no âmbito ético, central na obra daquele autor. Com uma particularidade: em Laiseca o humor nem sempre é cômico, antes suporta o absurdo e a ironia que constituem a visão do mundo ética e estética presente nas suas histórias. O poema épico *Martín Fierro*, de José Hernández, obra clássica da literatura argentina, é revisitado por Eduardo Enrique Parrilla Sotomayor no ensaio “Recordando al *Martín Fierro* en su dimensión humorística”. A vertente picaresca e a visão do mundo popular convertem o humor numa dimensão intrínseca do *ethos* do gaúcho Martin Fierro, a que não faltam sequer vestígios de humor negro e de burlesco. Analisar alguns traços do riso na estética romântica literária é a proposta de Simone Aparecida da Silva em “Interface do rir romântico – a expressão do riso na literatura do século XIX”. Aí defende que os traços do riso se tornaram visíveis na arte literária que se desenvolveu a partir da época romântica e no período histórico subsequente, decorrente das mudanças promovidas pelos processos de mundialização da cultura, da democratização global e das transformações artísticas ocorridas simultaneamente com lutas políticas e sociais. Ana Maria Anderson transporta-nos até ao século XVI, ao encontro do pai do teatro português, Gil Vicente. O ensaio “Montar um burro que canta: O riso através da viagem e da canção n’*A Farsa de Inês Pereira*” examina o uso da metáfora, especificamente em duas correspondências metafóricas principais, para criar o humor naquela farsa

vicentina, criada em resposta ao desafio de escrever uma peça relacionada com o provérbio “Mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube”.

Ditaduras, Violência e Humor é o tema da quinta e última parte deste volume. A abrir, Ana Beatriz Flores, em “Políticas del humor en la cultura humorística argentina. Innovación y tradición”, apresenta um projeto de pesquisa que tem por objetivo incrementar as indagações teórico-críticas acerca dos discursos do humor e suas políticas e contribuir para a construção de uma cartografia nacional e local das produções humorísticas. Thaís Leão Vieira, no ensaio “Chico Anysio e o riso das moralidades como perspectiva de uma memória cultural”, analisa a caricatura feita em relação ao estigma da homossexualidade na década de 1980 por Chico Anysio, justamente no momento em que a Aids assumia conotação de estigma para homossexuais. Por seu lado, Wilberth Salgueiro discute “Riso e violência em três poetas brasileiros contemporâneos (Glauco Mattoso, Leila Mícolis e Nicolas Behr)”, cuja obra recorre ao humor para abordar graves problemas sociais como bullying, estupro, tortura, corrupção, machismo, preconceito, desemprego ou pobreza. Já Rubén Olachea Pérez e Marta Piña Zentella utilizam o cinema como fonte. Em “Obediencia y dictadura perfectas”, analisam os filmes *Obediencia perfecta*, do realizador Luis Urquiza (2014), sobre o abuso sexual de menores num seminário católico no México, e *La dictadura perfecta*, de Luis Estrada (2014), uma sátira às ligações entre o poder político e a mídia, para mostrar os novos usos do humor no cinema mexicano. O livro encerra com o estudo de Maria Amélia Dalvi “Invenção da memória escolar pela via do humor em *Boitempo*”. A partir de poemas de Carlos Drummond de Andrade, o humor é tomado como um dispositivo discursivo e político, que permite a compreensão da memória particular, da experiência histórica e da elaboração poética.

Como se pode confirmar nas páginas seguintes, são vários os caminhos escolhidos para encontrar o lugar do humor e questionar o seu papel que, apesar de reconhecidamente ambíguo e mesmo, por vezes, paradoxal, não pode deixar de ser senão libertador. Essa dimensão redentora do humor exige a cumplicidade da crítica e a capacidade de abertura ao novo, ao diferente e ao plural, para ajudar a formar novas visões do mundo e da sociedade. Sem esquecer um imenso pormenor: rir faz bem à saúde.

João Pedro Rosa Ferreira

Thaís Leão Vieira

